

EDITORIAL

É com muito prazer que abrimos o editorial do número 24 e volume 18 da Revista UFG por marcar um novo lugar que a Revista UFG se propõe com a composição de nova Editoria e diversas ações propositivas e já implementadas desde outubro de 2018 com a finalidade única de qualificar a Revista e ampliar a sua socialização e inserção nacional e internacionalmente.

Para isso, estamos contando com novos conselheiros com vínculo em instituição de educação superior do Brasil e internacional, assim como estamos atualizando e ampliando a indexação da Revista, o registro de suas publicações no DOI - *Digital Object Identifier* (identificador único para artigos, anais e outras produções científicas) e a identificação dos autores por meio de ORCID – plataforma digital que fornece um identificador/perfil para cada pesquisador interessado em divulgar suas produções, pesquisas, bolsas de estudo e inovação.

Desenvolver e ampliar as publicações e o acesso de Revistas que contemplam em seu foco a extensão universitária, a cultura, a educação e suas relações com a pesquisa e o ensino no Brasil (como a nossa Revista UFG) não tem sido uma tarefa fácil para seus editores justamente por abranger um leque grande de áreas de conhecimento/avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que gera o Qualis¹ da Revista re-

¹ É o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação, elencando as revistas em que cada área publicou em determinado período, as enquadrando em estratos de A1 a C, sendo A1 o mais elevado (Fonte: <https://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-pos-graduacao/7422-qualis>).

lacionado às respectivas áreas do conhecimento que publica, ou seja, a Revista é enquadrada em determinado estrato por área do conhecimento e de acordo com as publicações de professores que atuam na pós-graduação *stricto sensu*.

Para além dos entraves de avaliação e lugar que as revistas com foco na extensão possuem, ainda temos que lidar com os conflitos internos e incompreensões sobre os objetivos, as teorias, metodologias, público alvo e foco de suas práticas, pois são poucos que tecem lugar privilegiado para “fazer extensão” e possuem conhecimento de suas características e possibilidades frente à sociedade/comunidade (DE DEUS; HENRIQUES, 2017).

Há sempre uma citação sobre as pesquisas de nível internacional realizadas nos laboratórios e programas de pós-graduação, mas quando se trata da extensão ainda surgem as interrogações: o que é mesmo? Para que serve? Qual o valor que tem no currículo? Estes questionamentos apenas refletem os debates que vêm ganhando espaços e que são complexos porque complexos são os processos no interior das instituições de educação superior (DE DEUS, HENRIQUES, 2017, p. 84).

Porém, nossa luta se fortifica, principalmente pela institucionalização que a extensão tem conseguido desenvolver ao longo dos últimos anos, culminada por meio da Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) n. 7, de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira, conceituando-a como:

atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (CNE, 2018, p. 1-2).

Além de sua concepção, a Resolução CNE n. 7/2018 prevê que as atividades de extensão realizadas pela instituições de educação superior, devem, inclusive, compor no mínimo de 10% do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, fazendo parte da matriz curricular dos cursos. Essa exigência demonstra a importância de seu desenvolvimento e, mais, de sua relação com a pesquisa para acompanhamento e avaliação, inclusive fazendo uso de mecanismos de socialização e publicação em Revistas Científicas para sua valorização, reconhecimento e discussão acadêmicas/científicas pelas instituições e comunidades em geral.

Corroborando com nosso pensamento, De Deus e Henriques (2017) destacam, ainda, que a extensão universitária tem se constituído como lugar de diálogo e interação da universidade com outros espaços sociais, carecendo de investigações que demonstram quais são os fazeres da universidade e que tipo de relação estabelece com a sociedade para compreender se a universidade cumpre com os compromissos explicitados no conceito de extensão expresso na Resolução CNE n. 7/2018. Para isso, salientamos novamente a importância dos periódicos/revistas que publicam exclusivamente artigos, trabalhos, resenhas e ensaios visuais que tratam da sua temática para o avanço de seu conhecimento.

Assim, esperamos que você leitor, autor e interessado nessas questões e na nossa Revista UFG, apreciem os trabalhos publicados nesse número (que tratam de inúmeras ações e reflexões acerca da oferta da extensão universitária), pois pretendemos nessa nova gestão tornar possível o que Nunes e Silva (2011) preconizam: possibilitar reflexão crítica sobre a universidade e suas relações com a sociedade, para transformação de ambas e, assim, materializar o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O desafio está posto e nosso propósito é contribuir para o fortalecimento dos estudos e pesquisas que tratam da extensão, cultura e educação no nosso país e demais comunidades internacionais.

Boa leitura a tod@s!

Daniela da Costa Britto Pereira Lima – Editora
Jéssica Traguette Silva – Editora Gerente
Lucilene Maria de Sousa – Diretora Geral

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução do Conselho Nacional de Educação n. 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 dez. 2018.

DE DEUS, Sandra; HENRIQUES, Regina Lucia Monteiro. A universidade brasileira e sua inserção social. In: CASTRO, Jorge Orlando. **Los caminos de La extensión en America Latina y El Caribe**. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa, 2017, p. 77-92. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/>

[Los-caminos-de-la-extension-en-america-latina-y-el-caribe.pdf](#). Acesso em: 20 dez. 2018.

NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; SILVA, Maria Batista da Cruz. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. In: **Revista Mal-estar e Sociedade**, n. 7, 2011, p. 119-133. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/malestar/article/view/60/89>. Acesso em: 20 dez. 2018.